CONTRIBUIÇÕES DA MEDIAÇÃO CULTURAL NA FORMAÇÃO DOCENTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO EDUCATIVO DO CAEB

Giovanna Morais de Oliveira, Jéssica Monteiro Pinto.

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, giogio_morais@outlook.com, jessica@univap.br

Resumo

Este artigo apresenta um relato de experiência sobre a atuação no setor educativo do Centro Ambiental e Artístico-Cultural Edoardo Bonetti (CAEB), no contexto do Projeto ARCO – Arte Compartilhada, e suas reverberações na formação docente desenvolvida no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), junto à EMEFI Prof. Vera Lúcia C. Barreto. De abordagem qualitativa, o estudo reflete sobre a mediação em artes visuais como prática de escuta, diálogo e construção coletiva de sentidos, evidenciando a importância de uma mediação flexível, capaz de articular arte, natureza, corpo e território e de considerar os diferentes repertórios e interesses dos visitantes. Posteriormente, essas experiências foram ressignificadas na prática escolar, contribuindo para uma compreensão do ensino de arte mais fundamentada na participação e na escuta.
Palavras-chave: PIBID; Mediação Cultural; Arte-Educação; Meio Ambiente.

Área do Conhecimento: Humanas (INID).

Introdução

Em uma área de aproximadamente 44.000 m² de natureza, resultado do reflorestamento de um antigo aterro sanitário, o Centro Ambiental e Artístico-Cultural Edoardo Bonetti (CAEB) abriga espécies da Mata Atlântica e do Cerrado e desenvolve ações que articulam educação ambiental, cultural e artística. Desde sua inauguração, em 2017, a instituição, idealizada por Ema Bonetti e Edoardo Bonetti, tem como propósito deixar um legado para as novas gerações, consolidando-se como referência no Vale do Paraíba (TV Aparecida, 2025).

Nesse contexto, em 2024, o Projeto ARCO - Arte Compartilhada, contemplado pelo PROAC - Programa de Ação Cultural de Incentivo e Fomento à Cultura do Governo do Estado de São Paulo, passou a integrar as ações do CAEB, com o objetivo de fomentar processos de criação, pesquisa e experimentação artística em diálogo com o meio ambiente. O projeto reuniu artistas convidados para a produção de instalações permanentes, promoveu oficinas abertas ao público e realizou uma residência artística com nove artistas, cujas obras passaram a compor as trilhas do centro ambiental (SPRIO Mais, 2026).

Diante dessa proposta, o setor educativo assumiu papel fundamental ao desenvolver ações de mediação capazes de aproximar os visitantes das obras e do ambiente em que estavam inseridas. Mais do que transmitir informações sobre os trabalhos artísticos, a mediação buscou promover experiências sensíveis e reflexivas, mobilizando a percepção sobre as relações entre ser humano, natureza e produção artística. Nessa perspectiva, compreende-se a experiência como aquilo que “nos acontece”, que nos atravessa e produz sentidos (Bondía, 2002), deslocando a mediação de uma prática informativa para uma vivência estética e formativa.

Foi nesse contexto que se desenvolveu a experiência analisada neste artigo, realizada durante a atuação da autora no educativo do CAEB e, posteriormente, ressignificada no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), junto à EMEFI Prof. Vera Lúcia C. Barreto. Assim, este artigo tem como objetivo relatar e refletir sobre as contribuições da mediação em artes visuais para a formação docente no contexto do PIBID, discutindo de que maneira as experiências vivenciadas no espaço educativo não formal reverberaram na compreensão e na prática educativa fundamentadas na escuta, na experiência estética e na construção coletiva do conhecimento.

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como um relato de experiência, de abordagem qualitativa, fundamentado na reflexão crítica sobre as vivências da autora no setor educativo do Centro Ambiental e Artístico-Cultural Edoardo Bonetti (CAEB), no contexto do Projeto ARCO - Arte Compartilhada, e sua posterior articulação com as práticas pedagógicas desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), junto à EMEFI Prof. Vera Lúcia C. Barreto.

A experiência foi analisada a partir do conceito de experiência proposto por Larrosa (Bondía, 2002), compreendido não como um conjunto de acontecimentos ou atividades realizadas, mas como aquilo que atravessa o sujeito e produz transformações em sua maneira de perceber, compreender e agir no mundo. Assim, o relato não se restringe à descrição das ações desenvolvidas, mas busca refletir sobre os sentidos produzidos pela prática de mediação e suas contribuições para a formação docente.

As reflexões foram construídas a partir da elaboração e realização das mediações, das observações e interações com diferentes públicos e da posterior ressignificação dessas vivências na prática pedagógica escolar. A análise dialoga com referenciais da arte-educação, da mediação cultural e de uma educação democrática, considerando a experiência, a escuta e o diálogo como elementos fundamentais para a formação e para a prática docente.

Resultados

Pensadas para sensibilizar e aproximar o projeto de artes visuais da natureza, as visitas ao CAEB dividiam seu tempo entre trilha, horta PANC, meliponário e as instalações do Projeto ARCO. Geralmente, cerca de 30 minutos eram destinados à apresentação das sete obras distribuídas ao longo da trilha, o que exigia considerar não apenas o tempo de apreciação, mas também o deslocamento, os diferentes ritmos dos visitantes e as demais atividades da visita. Diante disso, o roteiro de mediação teve como premissa sensibilizar, engajar e produzir sentidos, sem reduzir o contato com as obras à transmissão acelerada de informações.

Outro objetivo central do Projeto ARCO era promover uma reconexão com o meio ambiente, principalmente entre as crianças. Assim, a arte era compreendida como possibilidade de provocar reflexões sobre a relação com o espaço e a natureza. A inserção das obras na trilha fazia com que a própria paisagem participasse da experiência: sons, cheiros, vegetação, animais e o deslocamento pelo percurso interferiam na percepção das instalações, aproximando continuamente arte, natureza, corpo e território.

A partir do acompanhamento dos processos criativos dos artistas e dos materiais disponibilizados sobre as obras, foram construídas questões norteadoras adaptadas aos diferentes públicos, tendo como base conceitos como memória, afeto, presença, conexão e novas formas de perceber a paisagem. Dessa maneira, o roteiro não era compreendido como uma sequência fixa de informações, mas como um ponto de partida para provocar o olhar e o diálogo, permitindo que as percepções e experiências dos visitantes também participassem da construção da mediação e que, ao final da visita, permanecessem não apenas respostas, mas também perguntas ressoando e produzindo novos sentidos.

As especificidades das obras orientavam diferentes caminhos de conversa. A obra “Presença como Travessia”, de Duda Prado, possibilita refletir sobre materialidade, ciclos da natureza e relação com o ambiente; a de Douglas Reis, intitulada “Corpo-Casa”, sobre lar, pertencimento, memória e afetos; e “Abrigo - Huaçá”, de Fabian Alonso, sobre preservação da memória e das histórias construídas por indivíduos e sociedades (SPRIO Mais 2026), sendo essa última o objeto de curiosidade das crianças na Figura 1.

Apesar das questões previamente construídas, a experiência mostrou que nenhuma mediação poderia ser completamente prevista. Para cada grupo, o roteiro era construído também no próprio momento da experiência, exigindo um preparo que ultrapassava o estudo dos artistas e das metodologias de ensino e se constituía, sobretudo, pela escuta. Essa escuta envolvia adaptar a linguagem, reconhecer diferentes interesses, reorganizar o tempo diante de uma obra, incentivar e orientar formas de interação e acolher tanto o silêncio para ouvir os sons da natureza quanto as perguntas sobre as plantas e os demais elementos do percurso.

Essa experiência de mediação também reverberou na forma de conduzir as atividades desenvolvidas posteriormente no contexto do PIBID. Embora as situações apresentadas nas Figuras 1 e 2 correspondam a contextos e propostas distintas, é possível perceber uma aproximação na

condução das atividades, especialmente na valorização da escuta, das perguntas e da participação dos sujeitos na construção dos sentidos. Na Figura 1, a mediação realizada no CAEB parte da curiosidade dos visitantes diante da obra *Abrigo – Huaçá*, de Fabian Alonso, enquanto, na Figura 2, a atividade desenvolvida em sala de aula evidencia uma prática pedagógica que também busca estimular a participação e o diálogo dos estudantes. Dessa forma, as imagens não representam uma continuidade direta entre as duas experiências, mas evidenciam como princípios construídos na prática de mediação cultural passaram a reverberar na atuação docente.

Essa diversidade evidenciou o caráter interdisciplinar da experiência e a necessidade de uma mediação aberta aos diferentes repertórios dos visitantes. Havia aqueles mais interessados nos aspectos biológicos da trilha e aqueles que se envolviam principalmente com as obras, assim como visitantes que respondiam a cada pergunta com outra pergunta, deslocando os caminhos inicialmente previstos e revelando possibilidades de interpretação não presentes no roteiro.

O interesse e a curiosidade desses visitantes não apenas ampliaram a conversa, mas também deslocavam o olhar da própria mediadora, fazendo com que percebesse nas obras detalhes, relações e sentidos que, até então, não havia considerado. Nesses momentos, a mediação deixava de ser um percurso conduzido por uma única pessoa e se tornava uma construção compartilhada, na qual o olhar do visitante também transformava o olhar de quem mediava. A experiência evidenciou, assim, que mediar não significava apenas conduzir o público até a obra, mas estar disponível para que o encontro com ela também transforma a própria mediadora.

Figura 1 - Visita Mediada no CAEB.



Fonte: Autoria própria.

Figura 2 - Projeto com Alunos EMEFI Prof. Vera Lúcia C. Barreto.



Fonte: Autoria própria.

Discussão

"Como desembaraçar o olhar para ver volume numa tela plana, como queria Rothko? Ou ver sentidos em um corpo que dança ou em sons/ruídos que enchem o espaço? Como encontrar sentidos

para si em algo produzido sem palavras?" As perguntas propostas por Martins (2017) ajudam a pensar uma mediação cultural que não se basta em apenas dar acesso, abrir as portas do museu e oferecer informações sobre as obras, seus contextos e processos. É preciso, além de tudo, ser uma ponte e, enquanto os visitantes atravessam, a própria decisão de atravessar ou não pressupõe uma abertura para ser atravessado também. Nesse sentido, a mediação envolve não apenas o olhar, mas o corpo sensível e aberto para viver uma experiência estética (Martins, 2017).

No contexto do CAEB, essa compreensão se amplia pelo próprio caráter do espaço. Antes mesmo da presença do mediador, o ambiente já provoca, desloca e oferece possibilidades de experiência. A paisagem, portanto, não funciona apenas como cenário para as obras do Projeto ARCO, mas como parte constitutiva da experiência. Segundo Cretti (2017), cada lugar contém um discurso, seja de ordem política, pública, lúdica ou afetiva, que permeia a memória coletiva ou individual. Nesse sentido, é possível compreender o próprio espaço como um mediador: ele apresenta, provoca, interrompe, direciona o olhar e estabelece relações entre aquilo que o visitante encontra no caminho e aquilo que já carrega consigo.

A partir disso, a mediação pode ser compreendida menos como um caminho que conduz a uma resposta e mais como um caminho que abre possibilidades. As questões norteadoras construídas para as obras não tinham como finalidade conduzir os visitantes a uma interpretação correta ou previamente estabelecida, mas provocar deslocamentos no olhar e criar condições para que outras perguntas surgissem. Cretti (2017) diz que, como mediadora no contexto do teatro, estava ali para servir de alavanca para possíveis desdobramentos. Isso dá ao espectador um lugar de participação no espetáculo: ele não está ali passivamente, mas criando também significados a partir de seu repertório, juntamente com a peça. É muito comum, por exemplo, que, ao receber uma pergunta sobre as obras, se devolva a pergunta ao aluno, para que ele tenha a oportunidade de se questionar novamente sobre um conceito que, a princípio, parecia já assimilado, encontrando outros significados (Cretti, 2017).

Nesse sentido, permitir que uma pergunta permaneça sem uma resposta imediata não significa deixar a experiência incompleta. Pelo contrário, pode significar reconhecer que a construção de sentidos diante da arte não se encerra necessariamente no momento da mediação. Quando o visitante deixa o espaço ainda pensando sobre uma obra, a experiência continua produzindo sentidos para além do tempo da visita. Essa perspectiva aproxima-se da concepção de experiência apresentada por Bondía (2002), para quem a experiência está relacionada àquilo que nos acontece, nos atravessa e produz transformações no sujeito.

Ao perceber que as perguntas dos visitantes poderiam deslocar o percurso planejado e revelar aspectos das obras que ainda não haviam sido percebidos pela própria mediadora, tornou-se evidente que mediar também é estar disponível para aprender. A abertura necessária para escutar o outro transforma a própria experiência do mediador, que deixa de ocupar exclusivamente o lugar de quem apresenta e passa a participar de uma construção coletiva de sentidos. Segundo Martins et al. (2017), a mediação vai se dando em vários níveis, afetando o outro ao mesmo tempo em que somos afetados.

No CAEB, essa dimensão formativa ganha ainda outra camada diante da proposta de reconexão com a natureza. Em um cotidiano cada vez mais atravessado por telas, imagens digitais e relações mediadas por dispositivos tecnológicos, a experiência de caminhar, observar, ouvir e permanecer em contato com um ambiente natural pode assumir uma dimensão significativa. A presença das obras em meio à trilha potencializava essa experiência porque exigia do visitante uma atenção que não se dirigia apenas à produção artística. A mediação acontecia, portanto, nesse entre: entre arte e natureza, entre corpo e espaço, entre aquilo que já se conhece e aquilo que ainda pode ser descoberto. Para Martins (2017), mediar é estar entre muitos.

Essa experiência também contribuiu para repensar a prática docente desenvolvida posteriormente no PIBID, provocando uma mudança na postura diante do ensinar: criar condições para que o estudante observe, questione, experimente e construa sentidos tornou-se tão importante quanto apresentar conteúdos. Dessa maneira, a experiência no educativo do CAEB permitiu compreender a mediação como uma prática que não termina na obra, no espaço ou na fala do mediador. Ela acontece no encontro entre sujeitos, atravessa o ambiente e continua naquilo que cada visitante leva consigo. Entretanto, a experiência não produz apenas um visitante que olha de outra forma para a obra, mas também uma mediadora que passa a olhar de outra forma para o próprio ato de ensinar.

Conclusão

A experiência no educativo do CAEB e suas reverberações na formação docente desenvolvida no PIBID, permitiu compreender a mediação em artes visuais para além da transmissão de informações, como uma prática fundamentada na escuta, no diálogo e na construção coletiva de sentidos. A inserção das obras na natureza ampliou essa experiência ao aproximar arte, corpo, paisagem e território, fazendo do próprio espaço parte do processo de mediação. Também evidenciou que, embora o roteiro seja importante para o preparo, a mediação se constrói no encontro com cada público, a partir de seus repertórios, perguntas e formas de perceber as obras. Nesse processo, a mediadora também foi transformada, passando a compreender a escuta e a participação dos sujeitos como elementos fundamentais do ensino. Ao ser ressignificada no ambiente escolar, essa experiência contribuiu para uma prática educativa mais aberta ao diálogo, à experiência e à construção compartilhada do conhecimento. Assim, vê-se a contribuição para a formação docente ao ampliar a compreensão da autora sobre o ensinar: mais do que oferecer respostas, criar condições para que os estudantes observem, questionem, experimentem e construam seus próprios sentidos.

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, [online], n. 19, pp. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/>. Acesso em 05 ago. 2026.

TV APARECIDA. **Conheça o CAEB: espaço de educação socioambiental e cultural em SJC.** 6 mar. 2025. 1 vídeo (10:43). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bM1ByvqZJWk> Acesso em: 05 ago. 2026.

CRETI, Patricia Dias Creti. **Construindo Significados na Mediação Teatral**. In: MARTINS, Mirian Celeste (Org.). Mediação Cultural: olhares interdisciplinares. . Local: Editora Uva Limão, 2017. p. 15-23.

MARTINS, Mirian Celeste. **A disciplina Mediação cultural e formação de educadores e os "entres" provocadores: reflexões compartilhadas**. In: MARTINS, Mirian Celeste (Org.). Mediação Cultural: olhares interdisciplinares. Local: Editora Uva Limão, 2017. p. 6-13

MARTINS, Mirian Celeste, et. al. **Narrativas verbais e visuais: proposições em mediação cultural**[1]. In: MARTINS, Mirian Celeste (Org.). Mediação Cultural: olhares interdisciplinares. . Local: Editora Uva Limão, 2017. p. 39-40

SPRIO MAIS. São José dos Campos ganha museu a céu aberto no CAEB. São José dos Campos, 08 de jan. 2026. Disponível em: <https://spriomais.com.br/2026/01/08/sao-jose-dos-campos-ganha-museu-a-ceu-aberto-no-caeb/>. Acesso em: 05 ago. 2026.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Agradecemos também à equipe do Centro Ambiental e Artístico-Cultural Eduardo Bonetti (CAEB) e à equipe do Projeto ARCO - Arte Compartilhada.